

| *Marília Navegante Pinheiro*

ACESSIBILIZAR É SE AFETAR PARA ACOLHER E SENSIBILIZAR: Relato de Experiência no Grupo de Estudo em Acessibilidade Cultural

ACCESSIBILIZATION IS TO BE AFFECTED TO WELCOME AND SENSITIZE: Experience Report in the Study Group on Cultural Accessibility

Marília Navegante Pinheiro

marilia.navegante.ap@gmail.com

Universidade Federal do Amapá

Resumo:

Neste artigo trazemos um relato de nossas vivências no Grupo de Estudos em Acessibilidade Cultural (GEAC), que é um projeto vinculado ao Programa de Cultura (PROCULT) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), o qual é orientado pelo professor mestre Emerson de Paula do curso de Teatro e que teve seu início em agosto de 2017. Nosso primeiro contato com o grupo de estudos se deu a partir dos trabalhos realizados como bolsista e voluntária e assim iniciamos o processo de desenvolvimento de trabalhos correspondentes às necessidades do grupo. Neste sentido discorreremos sobre o que fora desenvolvido no grupo entre os meses novembro de 2017 até o início de março de 2018.

Palavras-chave: Relato, acessibilidade cultural, Grupo de estudo.

Abstract:

In this article we bring an account of our experiences in the Cultural Accessibility Studies Group (GEAC), which is a project linked to the Culture Program (PROCULT) of the Federal University of Amapá (UNIFAP), which is guided by the master teacher Emerson de Paula of the course of Theater and that had its beginning in August of 2017. Our first contact with the study group was based on the work carried out as a scholarship and volunteer and thus we began the process of developing work corresponding to the needs of the group. In this sense we will discuss what was developed in the group between the months of November 2017 and the beginning of March 2018.

Keywords: Report, cultural accessibility, Study group.

Sobre o GEAC

O Grupo de Estudos em Acessibilidade Cultural tem como um de seus objetivos promover o debate sobre como tornar a cultura acessível para pessoas com deficiência física: Visual ou visão reduzida; Visual com cão guia ou bengala; Surdo ou audição reduzida ou implante coclear; Surdo cego; Deficiente físico; Paralisia cerebral; Síndrome de *down*.

É importante dizer que dar acesso à cultura não se resume APENAS a construir espaços físicos como colocar rampas para cadeirantes, piso tátil para pessoas cegas ou com baixa visão e

sim, construir metodologias com e sem as tecnologias assistivas para que a pessoa com deficiência tenha possibilidade de experimentar e fruir as artes (filme, música, dança, teatro, pintura e etc.) no sentido de se informar sobre isto, além de poder transcender para a construção de outras memórias, gostos, posicionamentos críticos sobre algo com autonomia, Pois:

No caso das pessoas com deficiência, enquanto sentem, cantam, ou vivenciam linguagens artísticas de forma sensorial e protagonista, elas refletem sobre o que lhes é apresentado, promovendo uma discussão sobre aquilo que estão vivenciando e o que esse fazer proporciona ao seu contexto pessoal (SILVA; MATTOSO, 2016, p. 218).

Deste modo, estamos diante da possibilidade de se construir outros acessos ao conhecimento cultural por meio de outros canais de comunicação que respeitem a especificidade física do indivíduo estabelecendo trocas afetivas e rompendo com os preconceitos que causam estranhamentos e visões distorcidas sobre a capacidade das pessoas com deficiência.

Primeiros Diálogos

Aprendemos logo de início que para falar sobre acessibilidade, não poderíamos deixar de ouvir as necessidades de quem tem algumas das deficiências já citadas neste artigo. Foi então que tomamos contato com o lema “Nada sobre nós sem nós” o qual explica que as pessoas com deficiência podem ser participantes e produtoras ativas em sociedade e não receptoras do que a sociedade produz.

Desse modo, o Grupo de Estudos em Acessibilidade Cultural sempre procurou convidar pessoas com deficiência para participar das discussões, dos planejamentos, ações e **etc.** Nosso primeiro contato foi com um paratleta da cidade de Macapá com deficiência visual que pratica lançamento de dardo e disco. Nosso diálogo com este atleta foi importante para pensarmos o corpo da pessoa com deficiência visual, suas potencialidades com relação aos espaços e as pessoas que lidam com ele. Citamos isto, pois, nossos trabalhos com estes estudos estão diretamente ligados ao curso de Teatro e a construção de metodologias artístico-educacionais que sejam construídas para este público em específico.

Em um segundo momento, recebemos no Grupo de Acessibilidade Cultural (GEAC) a representante do conselho estadual dos direitos das pessoas com deficiência do Amapá a qual

tem baixa visão que veio para somar com o grupo e contribuiu com a acessibilização dos slides utilizados nas palestras e estudos em prol das pessoas com baixa visão, de apresentação sobre o que é acessibilidade cultural, onde as cores devem ser contrastantes, diferença perceptível entre claro e escuro, criando dois efeitos de proximidade e distância.

Foi necessário fazer um pequeno estudo das cores para tornar o slide mais acessível, pensando no decreto federal 5.296 de 2 de dezembro de 2004, que prioriza o atendimento as pessoas, normas gerais, critérios básicos de promoção da acessibilidade das pessoas que tem alguma deficiência ou com mobilidade reduzida. Neste caso, a letra ampliada, software de voz, lupa, entre outros, são cuidados que devemos ter ao elaborar recursos que auxiliarão nossa comunicação com o público diverso.

Outro contato foi com um professor da Rede Estadual, deficiente visual que vem participando dos encontros e contribuindo com os estudos, com o planejamento de algumas ações, no contato com agentes externos e com o público do Atendimento Educacional Especializado.

Cada encontro e contato tem sido relevante no sentido de aprendermos e aumentarmos nosso arcabouço de possibilidades de trabalhos e sensibilização sobre acessibilidade cultural para então, entendermos que acessibilizar é uma tarefa que se constrói em coletivo e principalmente junto com aqueles os quais queremos atingir, como as instituições, para tanto, seguimos o lema **“Nada sobre nós sem nós”**.¹

Mãos que acolhem

Este é o tópico em que consta nossa participação enquanto artistas visuais responsáveis pela criação de uma intervenção artística para o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI². Fomos incumbidas de pensar e projetar uma obra acessível, começando com reuniões para discutir e

¹ O lema vem de um artigo intitulado “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS: Da integração à inclusão” de Romeu Kazumi Sassaki e se refere a participação plena das pessoas com deficiência nas lutas e decisões sobre seus direitos, entre outros.

² “O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) é um órgão suplementar, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias (PROEAC) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) a partir de 2015, que visa atender aos acadêmicos com deficiência dos cursos de graduação e pós-graduação da UNIFAP”. <https://www2.unifap.br/nai/files/2018/09/Cartilha-NAI-2017.pdf>

montar a proposta, e a traçar o primeiro esboço de desenho do projeto inicialmente chamado “mãos que veem”.

Fomos ponderando sobre como a obra poderia ser exposta ou instalada em um espaço onde fosse possível que pessoas com deficiência ou não pudessem interagir diretamente com a obra, ou seja, tocá-la e ser tocado por ela. Foi então que focamos na palavra acolhimento e a partir desta, foi resolvido em coletivo que para montagem da obra iríamos focar em partes específicas do corpo como braços e mãos, as quais nos remetiam ao significado da palavra.

A princípio pensamos em uma obra bidimensional, uma pintura figurativa que trouxesse a imagem de mãos e braços em posições que sugerissem tal acolhimento e depois acessibilizaríamos esta obra transformando-a em uma obra tridimensional ou em alto-relevo de modo que deixasse claro para o público a possível comunicação com a diferença atribuindo outras formas de interação a partir de uma postura educativa e sensível.

Logo após começamos a ponderar sobre a posição dos braços e das mãos, já que vamos focar nestas únicas partes do corpo, sendo elas escolhidas porque passarão a sensação de afeto, seja através do abraço, do toque das mãos, do acolhimento, observando o espaço, a distância de um elemento para o outro para poder começar a pensar nas cores para a pintura. Neste momento, o nome do projeto anterior “Mãos que veem” passou a ser chamado “Mãos que acolhem” para passar essa ideia de abrigo.

No entanto, a constituição da obra foi se modificando do seu princípio para a produção de uma obra já acessibilizada, ou seja, chegamos à ideia de que a pintura já poderia ser acessível, uma imagem que atendesse o olhar de forma universal, mas, que não perdesse o senso estético, artístico de uma obra que tem que fazer pensar e que tem que ser provocativa.

Até então, pensávamos na materialização da obra acessível com materiais como gesso para modelar os braços e mãos, tinta para preparar a parede que iria receber a intervenção, mas, foi dialogando com outras pessoas sobre a durabilidade da obra, que conhecemos o trabalho de impressão em 3D realizado pelos acadêmicos de Matemática e a coordenação do projeto Robótica Tucuju da Unifap, onde fomos verificando a possibilidade de fazer a impressão em 3D dos braços e mãos.

Feito este contato, começamos a organizar o processo de experimentação em impressão 3D em etapas, assim, na 1ª etapa: O grupo robótica tucuju disponibilizou os materiais para

fazemos o processo de escaneamento no corpo de umas das integrantes do GEAC na galeria do DEPLA.

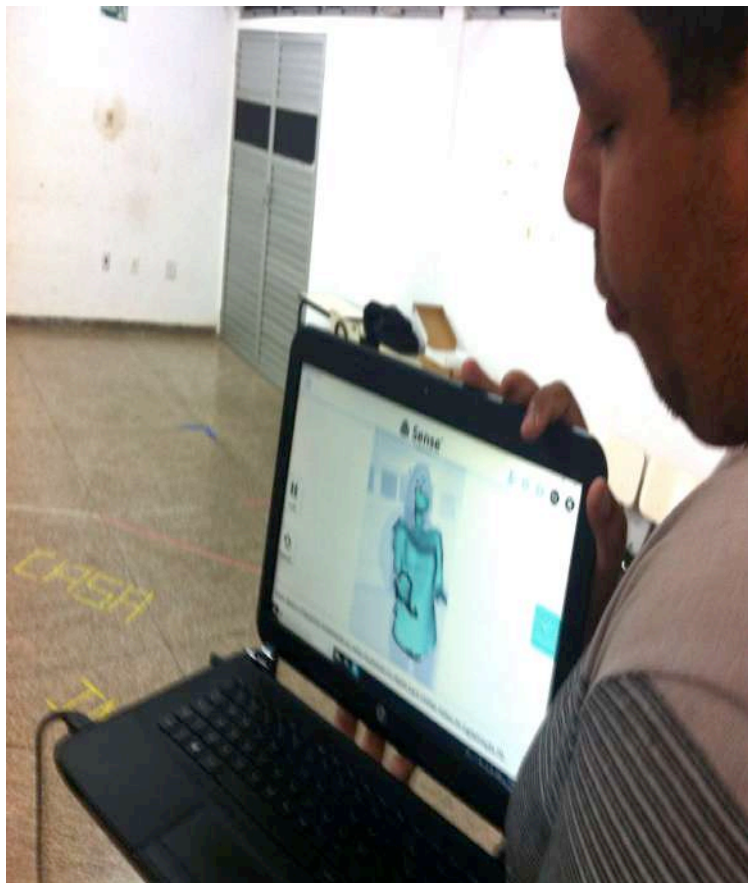


Figura 1 – Fotografia do processo de escaneamento digital
Fonte: Acervo de pesquisa do autor



Figura 2 – Fotografia do processo de escaneamento digital
Fonte: Acervo de pesquisa do autor

Na 2ª etapa: Tivemos contato com a primeira impressão e verificação da proporção dos membros escaneados, os quais precisavam de ajustes para que tivessem um tamanho considerado interessante para dispor na parede.



Figura 3 – Fotografia do primeiro braço impresso
Fonte: Acervo de pesquisa do autor

Na 3ª etapa: Fomos ver parte da obra na sala do projeto Robótica Tucuju, braços e mãos foram medidos novamente, pegamos uma mostra de parte do braço que deu errado segundo o grupo, por falta de medida da altura como amostra de como irão ficar as peças impressas.



Figura 4 – Fotografia da mão
Fonte: Acervo de pesquisa do autor

Na 4ª etapa: Fizemos a verificação do andamento da impressão em 3D dos braços com medidas acertadas, os quais estão sendo impressos em definitivo pelo grupo de Robótica Tucuju para posterior montagem e finalização da obra.



Figura 5 – Fotografia da última análise da mão
Fonte: Acervo de pesquisa do autor

Resolvida estas etapas passamos a focar no modo como se poderia ter acesso à obra sujeitos como o cadeirante, pensando no acesso pela rampa e na altura, em uma média de 1,40 m; O deficiente visual, atentando para o baixo – relevo e/ou textura, objetos que se sobrepõem a obra; Quem tem baixa visão, onde no início se pensa no contraste das cores e na dimensão dos objetos; Para quem tem deficiência auditiva a possibilidade do uso do aplicativo QR Code com apresentação de vídeo da obra em LIBRAS e áudio descrição.

Nesse momento pensávamos na complexidade desta relação teatro e robótica a partir da criação de uma pintura acessível que enfatiza a importância de partes significativas do corpo como as mãos e os braços. Mãos e abraços que tocam o outro, que aproximam.

A tecnologia foi um recurso pensado para fins práticos, mas, que agora não se resume a isso, pode ser poético esse encontro de diferentes linguagens em busca de um único objetivo, de mobilizar a acessibilidade cultural inicialmente na UNIFAP, mas, que pode ir se estendendo para a comunidade.

Ações do GEAC

Aqui é necessário pontuar o que fomos conseguindo realizar entre as ações citadas anteriormente, posto que, o grupo é de estudos, então entendemos que antes das ações há uma preparação teórica, metodológica, de discussão sobre o tema. Assim, o grupo vem realizando palestras sobre “O que é acessibilidade cultural?” dentro e fora da Universidade tentando construir uma rede de contatos, colaboração e sensibilização para esta temática.

Além disso, o grupo também tem se atentado para a acessibilização de material acadêmico (livros, textos e etc.) por meio de áudio descrição, tradução em LIBRAS, Braille, com o auxílio das tecnologias assistivas, assim como, dos acervos em museus, ou ainda, buscando outras formas metodológicas de acessibilização como, por exemplo, a produção de uma metodologia para trabalhar o Teatro com a pessoa com deficiência.

E em se tratando do Teatro com a pessoa com deficiência, o primeiro passo foi dado com a oferta de oficina de iniciação teatral a discentes do curso de Letras/Libras, tendo em vista a parceria estabelecida entre o Curso de Libras da UNIFAP e o Programa de Cultura - PROCULT no qual compreende o GEAC - Grupo de Estudos em Acessibilidade Cultural.

Considerações Finais

A vivência também depende de articulações com os representantes da cultura no estado, no cinema, no museu, no teatro, nos shows, entre outras formas de se fazer presente no convívio cultural. E para isso, o roteiro que temos construído precisou conter em seu cronograma momentos de estudos e palestras que contenham narrativas e vivências sobre acessibilidade cultural para termos como base na nossa formação as demandas presentes e as que estão por vir a partir das cotas para pessoas com deficiência.

Para tanto criamos uma identidade, para dar visibilidade ao grupo e assim conseguir chamar o público a vir conhecer os aspectos culturais que estamos abordando e sedimentando neste momento. Propomos-nos, então, a refletir sobre a logomarca, e em conjunto com o coordenador do grupo chegamos a seguinte frase que reflete a mensagem: Acessibilizar é se afetar para acolher e sensibilizar.



Grupo de estudos em acessibilidade cultural

Figura 6 – Fotografia da logomarca aprovada em grupo
Fonte: Acervo de pesquisa do autor

Nesse sentido, estamos buscando metodologias, desde um texto teatral todo acessibilizado até a ideia de se fazer acontecer palestras com funcionários do NAI, da Educação física, das Artes Visuais, ou seja, estender a responsabilidade sociocultural que não se restringe ao GEAC.

Pensa-se assim, porque voltamos nosso olhar para o processo criativo, que parte da Pintura que realizaremos na parede frontal do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), tendo em vista a parceria que estabelecemos para que os encontros do grupo acontecessem, já que é um espaço que conta minimamente com recursos acessíveis.

O que estamos trazendo é o nosso olhar enquanto artistas/professoras/pesquisadoras no que tange as experiências práticas/sensoriais “[...] por estabelecer elos de pertencimento não intelectualizados, que permitem a comunicação produzida e percebida pelo corpo, sem pressupostos de conhecimentos formais prévios” (SARRAF, 2012, s/p), em favor dos indivíduos

que são impedidos primeiramente pelas barreiras atitudinais de chegarem aos espaços culturais e terem acesso à informação, a fruição cultural, a experiência.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, DF, 2 dez. 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ. **Cartilha NAI com você.** Macapá: NAI/PROEAC, 2017. 32f. Acessado em: <https://www2.unifap.br/nai/files/2018/09/Cartilha-NAI-2017.pdf>

SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços culturais e exposições: Inovação no design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais.** Acessibilidade em ambientes culturais / Eduardo Cardoso, Jeniffer Cuty, Organizadores. - Porto Alegre : Marca Visual, 2012.

SILVA, Emerson de Paula; MATTOSO, Verônica de Andrade. **Arte/Educação e acessibilidade cultural: Uma encruzilhada epistemológica.** IN. Acessibilidade Cultural no Brasil: narrativas e vivências em ambientes sociais/ Organizadores: OLIVEIRA, Francisco Nilton Gomes de; HOLANDA, Gerda de Souza; DORNELES, Patrícia Silva; MELO, Juliana Valéria de. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016. ISBN: 978-85-5996-161-4.

Artigo submetido em 19/04/2019, e aceito em 27/07/2019.